

**PROJETO GUIGNARD**

Jovita Ribeiro Silva é residente em Ouro Preto.

Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2003, no Museu Casa Guignard.

Gélcio: D. Jovita, como conheceu Guignard?

Jovita: Fui convidada para servir o Guignard, com quem trabalhei seis meses. Era uma ótima pessoa.

Gélcio: Qual o local desse trabalho?

Jovita: Na Praça Antônio Dias, onde funciona atualmente a FAOP, Fundação de Arte de Ouro Preto, na casa que pertenceu a Pedro Aleixo.

Gélcio: Você se lembra do período em que prestou o serviço?

Jovita: Foi de 1961 até o seu falecimento, em 1962. Eu tinha 16 anos.

Gélcio: Quais eram as outras pessoas que trabalhavam na casa?

Jovita: Havia mais duas moças, a Rosa e a Neiva, que ainda são vivas.

Gélcio: Quais eram os serviços que faziam na casa?

Jovita: Faziam faxina e outros serviços para a D. Célia. Eu servia mais o Guignard.

Gélcio: Quem era D. Célia?

Jovita: Era dama de companhia de Guignard. Ele morou com ela e a família, porque era sozinho, solteiro. Então foi morar com eles. A D. Célia era casada com o “seu” João Correia, motorista de Guignard.

Gélcio: Antes de ir trabalhar na casa de Guignard, já o conhecia de vista, já tinha ouvido falar sobre ele?

Jovita: Já conhecia e fiquei muito satisfeita quando fui convidada para trabalhar lá. Gostava muito da D. Célia e do “seu” João Correia. Eu já tinha visto Guignard pintando nas ruas e às vezes conversávamos. Ele gostava muito de moças, de ficar batendo papo, prometendo casamento pra uma, pra outra. Levava a gente dentro de casa para ler a sorte. Ele quebrava um ovo no copo e falava assim: “Você vai casar, aqui tem um vestido de noiva, uma grinalda, filhos”. Nunca falava coisas ruins. Mesmo sendo uma brincadeira, deu certo. Graças a Deus me casei muito bem, tive cinco filhos e agora tenho dois netos. Acho que foi a D. Lúcia Machado quem deu a *Rural* para “seu” João sair com ele. E, a todos os lugares aonde ia, ele não me deixava pra trás. “Nós vamos levar a Jovita”. Na casa tinha o louro e o Lulu, o cachorro.

Gélcio: Vamos falar sobre o cotidiano de Guignard.

Jovita: Eu chegava entre 8 e 9 horas da manhã e saía às 18 horas.

Gélcio: Quais eram exatamente as suas funções?

Jovita: Ao chegar coava o café, sem açúcar. Ele usava adoçante. Arrumava a mesa, tinha as frutas, inclusive maçã e, na hora em que ele ia tomar café, eu ficava por perto, pra ver se queria mais alguma coisa. Primeiro ele comia dividindo um pedacinho pra mim, um pro louro e um pro Lulu. Ele repartia até com os meninos da casa, que ficavam com ciúmes de mim. Todos me tratavam muito bem. Depois que terminava o café, Guignard ia para a varanda ou então a gente dava uma saidinha para ele pintar.

Gélcio: A que horas ele costumava acordar?

Jovita: Por volta das 8 e meia, 9 horas. Ele não gostava de levantar cedo. Após o café, sempre saía acompanhado pelo “seu” João.

Gélcio: Quais os lugares onde Guignard gostava de ir?

Jovita: Praça de Antônio Dias, Largo de São Francisco de Assis, adros das igrejas e ainda para as roças - Lavras Novas, Cachoeira, Botafogo, esses lugarejos próximos a Ouro Preto.

Gélcio: Como era a viagem para Lavras Novas? Ele gostava de pintar no caminho ou ia até o arraial?

Jovita: Às vezes ele parava na estrada, mas também pintava as casas simples e modestas do arraial. A gente ia de manhã e só voltava à tarde. O “seu” João tinha muitos conhecidos em Lavras Novas e ficávamos na casa deles. Para o almoço faziam bambá de couve, canjiquinha, frango com quiabo e era uma beleza, um passeio bom demais.

Gélcio: Como Guignard se comportava? Ele ficava o tempo todo trabalhando?

Jovita: Não, ele batia muito papo, não ficava só pintando, não. Quando chegava a um lugar e lhe apresentavam o pessoal, ele conversava um pouco e depois pedia licença para pintar.

Gélcio: E ele bebia, nessa época?

Jovita: Ouvia dizer que ele era alcoólatra, mas não me lembro dele bebendo. Somente o via tomando suco ou café.

Gélcio: Quando ele saía para pintar em Ouro Preto, retornava na hora do almoço?

Jovita: O “seu” João saía com ele e voltavam na hora do almoço.

Gélcio: Ele tinha alguma comida preferida?

Jovita: Ele não comia muito, mas aonde íamos almoçar, faziam essas comidas de roça para nós. Em casa a D. Célia fazia comida especial pra ele, menos temperada, mais saladas.

Gélcio: Alguém falou que ele não comia doce. Havia alguma proibição?

Jovita: Não sei se ele era diabético, mas não me lembro de vê-lo comer.

Gélcio: E após o almoço, como era a rotina?

Jovita: Ele cochilava. Depois levantava, sentava na varanda ou no meio da sala, na parte de cima da casa e ficava ali pintando.

Gélcio: O que era lazer, para Guignard? Ele ouvia música?

Jovita: Ele gostava muito de música clássica. Havia uma radiola antiga, onde ouvia seus discos. Também gostava de ler, mas pintava mais do que lia. Não me lembro de vê-lo ir ao cinema ou a outro lugar. Apenas saía para dar uma voltinha com “seu” João, mas logo retornava. À noite era mais difícil ele sair, deitava cedo. Não tinha muito lazer, não. O lazer dele era pintar.

Gélcio: Bom, com relação aos amigos, em Ouro Preto, quais as suas amizades? Iam pessoas visitá-lo em casa, ele saía para visitar alguém?

Jovita: Ele não ia à casa de ninguém. Só ia a Belo Horizonte, à casa de D. Lúcia Machado de Almeida e vinham buscá-lo, de carro. Mas na vizinhança tinha amigos. Quando ficava na porta da casa, pintando, “seu” Célio se sentava perto para bater papo.

Gélcio: Havia alguma proibição relativa a Guignard conversar ou visitar pessoas de Ouro Preto?

Jovita: Acho que sim. A D. Lúcia não gostava que o deixassem muito à vontade, justamente por ele ser muito famoso e “mão aberta”. Qualquer coisa, um quadro... Se alguém falava: “Gostei do quadro”, ele dava ou “Pinta meu retrato”, ele pintava. Por isso o vigiavam. Antes de morrer, dizia que ia pintar um retrato meu. Acabou morrendo e não pintou.

Gélcio: Quando alguém ia procurar Guignard em casa, havia alguma recomendação sobre como proceder?

Jovita: A gente não deixava a pessoa ficar com ele a sós, ficávamos por perto.

Gélcio: E tinha alguns horários que ele recebia ou não recebia?

Jovita: Na parte da manhã, por exemplo, a gente não deixava. A gente falava para voltar na parte da tarde.

Gélcio: Você percebeu algum sentimento de Guignard com relação a esses cuidados todos, ao fato de ter sempre alguém olhando e controlando as saídas, as entradas, as visitas... Acha que isso aborrecia Guignard?

Jovita: Eu acho que ele não percebia que a gente estava tomando conta. A vigilância era discreta, não sei se o incomodava, pois nunca se manifestou a respeito.

Gélcio: A D. Lúcia freqüentava a casa com bastante assiduidade, como era?

Jovita: Ela ia sempre lá. Às vezes de 15 em 15 dias, uma vez por mês. Pedro Aleixo também ia, muita gente importante passava por lá.

Gélcio: Como cuidava da arrumação do quarto de Guignard?

Jovita: Sempre tive o maior cuidado com o quarto dele. Guignard gostava muito de pintar ali. O cheiro de tinta era forte, tanto é que dormia com as bandeiras das portas-janelas abertas. A parte de cima da casa era quase toda ocupada por ele e, de vez em quando, eu ia ao jardim colher flores para colocar na jarra.

Gélcio: Era um homem muito organizado?

Jovita: Não, mas eu arrumava suas coisas todos os dias. Ele deixava tudo atrapalhado, eu ia arranjando com o maior capricho. Cuidava das roupas. Eram calças largas, camisas grandes, de mangas compridas. Não tinha muita variedade de peças. Ele gostava de usar suspensório.

Gélcio: Como ele se comportava em relação às pessoas que paravam para vê-lo pintar? Como era esse relacionamento dele com as pessoas que passavam pelo local onde ele estava trabalhando, ele gostava de conversar?

Jovita: Se a pessoa puxasse assunto com ele, ele conversava, dava atenção. Ele gostava muito é que ficassem moças ao seu redor. Elas o abraçavam, ele ria e ficava todo satisfeito. Sempre enfiava a mão nos bolsos e tirava uma bala para agradar.

Gélcio: Você se lembra de Guignard pintando em locais fora do centro histórico de Ouro Preto, por exemplo, no Morro São João?

Jovita: Ele ia sempre para esses morros, pintar.

Gélcio: Qual a sua opinião sobre a pintura dele?

Jovita: Linda demais. Muito bonita mesmo.

Gélcio: E quanto ao estado físico, ele caminhava bem?

Jovita: Não. Ele caminhava meio agachado. Tinha dificuldades. Ficava meio cansado.

Gélcio: As pessoas ficavam curiosas sobre o seu trabalho. Que tipo de perguntas faziam?

Jovita: Às vezes me perguntavam se ele já tinha pintado quadros meus. Também queriam saber o meu salário, que na época era em torno de cinco mil cruzeiros. Ganhava bem, era muito dinheiro. E ele parecia satisfeito com o serviço. Quando passeava, trazia presentes pra mim, o que causava a maior ciúmeira.

Gélcio: Você se lembra de ter visto obras de Guignard em alguma casa de Ouro Preto?

Jovita: Eu creio que na casa de D. Tita, esposa do Tenente Zé Pedro, tinha um quadro dele. Eles eram vizinhos, moravam em frente. Guignard gostava muito deles.

Gélcio: Guignard era religioso?

Jovita: Era muito religioso. Não ia à igreja com frequência, mas dizia que rezava. Eu o via fazer o nome do Pai e, por qualquer coisa, ele estava falando o nome de Deus, de Nossa Senhora.

Gostava de São Sebastião e, inclusive, tinha um em seu quarto.

Gélcio: Você estava lá quando ele faleceu? Como foram os fatos? Ele adoeceu em casa, sentiu-se mal?

Jovita: Ele se sentiu mal e o levaram pra Belo Horizonte. Mas antes acho que passou pela Santa Casa de Ouro Preto e, de lá, o encaminharam a Belo Horizonte. Ele sempre dizia que queria ser enterrado aqui na igreja de São Francisco de Assis.

Gélcio: Após o falecimento, continuou a trabalhar na casa?

Jovita: Continuei. Fiquei lá com D. Célia mais uns dois meses, depois saí.

Gélcio: E o que aconteceu com as obras e os objetos pessoais de Guignard?

Jovita: A D. Lúcia veio com uma pessoa e levou tudo para Belo Horizonte.

Gélcio: Tinha alguma coisa na casa, algum móvel, algum objeto que ele mesmo pintou?

Jovita: Tinha um oratório, um criado...

Gélcio: Você acha que Guignard era um homem feliz?

Jovita: Não, eu acho que ele se escondia atrás das pinturas, não era feliz. Pelas conversas parecia que ele tinha alguma paixão. Ele não demonstrava felicidade, não.

Gélcio: E o humor dele?

Jovita: Não era muito alegre, mas correspondia às brincadeiras.

Gélcio: Alguma obra de Guignard, em especial, chamou a sua atenção?

Jovita: Lembro-me dele pintando a igreja de São Francisco e o quadro da D. Célia. Também do oratório que ficava no quarto dele.

Gélcio: Se tivesse que ver Guignard em Ouro Preto, hoje, agora, onde o veria?

Jovita: Na igreja de São Francisco de Assis.